

Cotação do petróleo caiu pela metade em um ano, o que deixa o pré-sal mais caro

DA REDAÇÃO
A estabilização da cotação do barril do petróleo entre US\$ 45 e US\$ 50 já é uma realidade (há um ano custava US\$ 95), o que compromete os investimentos nas reservas de alto custo, como o pré-sal. No caso da Petrobras, a empresa aposta na redução dos custos e no ganho de eficiência para amenizar o impacto dos preços 52% mais baixos após um ano.

Durante a Offshore Technology Conference Brasil (OTC), feira de petróleo e gás realizada entre os últimos dias 27 e 29 no Rio de Janeiro, a estatal revelou dados que mostram custos mais em conta e desempenho enxuto obtidos em curto espaço de tempo no pré-sal.

Segundo analistas, o investimento no pré-sal começa se tornar inviável por volta de US\$ 45 – nesta semana, o mercado de Nova Iorque trabalhou com US\$ 48 para o barril.

Portanto, qualquer dólar que a Petrobras conseguir deixar de gastar em sua cadeia produtiva é questão de sobrevivência enquanto a recuperação das cotações não desponta no horizonte.

No encontro Desenvolvimento do Pré-Sal Brasileiro e as Inovações Tecnológicas em Águas Ultraprofundas na Petrobras, da OTC, a diretora de Exploração e Produção (E&P) da Petrobras, Solange Guedes, anunciou que o tempo de construção dos poços do pré-sal está em queda desde 2010.

Já o custo de produção (lifting cost) por barril no pré-sal pela Petrobras é de US\$ 9, conforme Solange. Esse valor, diz ela, é bem inferior ao da média das principais petrolíferas do mundo, de US\$ 15.

A diretora ainda destacou a alta produtividade dos poços do pré-sal. A empresa também comemora que a extração na camada triplicou em 30 meses (a produção não sobe no mesmo ritmo nas outras reservas da companhia).

Segundo a diretora de E&P, a experiência adquirida ao longo da exploração e do desenvolvimento em alto-mar foi determinante para que a empresa tenha atingido a marca de 1 milhão de barris de óleo equivalente (petróleo mais gás natural) por dia no pré-sal, obtido em setembro.

“A Petrobras atingiu uma



Navio-plataforma Cidade de Itaguaí em operação no campo de Iracema Norte: Brasil superou em setembro a marca de 1 milhão de barris produzidos por dia na camada do pré-sal

Produção

9

dólares

é o custo de produção do barril da Petrobras no pré-sal - nas demais petrolíferas, a média é de US\$ 15

combinação única de custos, produtividade e eficiência. Como consequência, um portfólio muito competitivo”, explicou. Ela apresentou também o histórico de exploração em alto-mar da Petrobras desde a década de 1970, que possibilitou o sucesso na exploração do pré-sal.

CONHECIMENTO TÉCNICO

Solange destacou ainda a importância do trabalho dos técnicos da Petrobras, dos parceiros e fornecedores para a obtenção dos bons resultados, ressaltando o trabalho do engenheiro

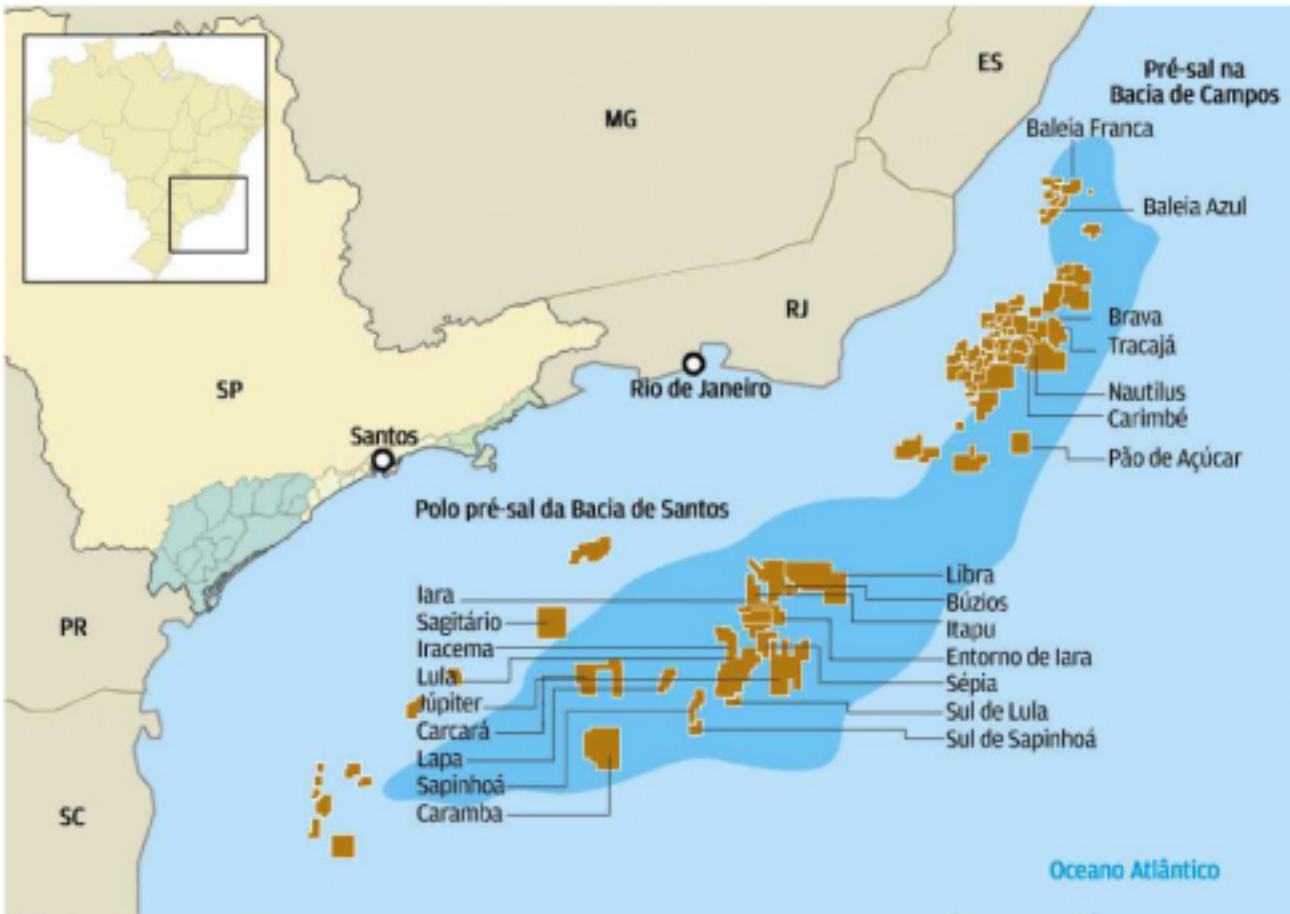
Antônio Carlos Capeleiro Pinto. Ele foi premiado pela OTC por contribuir para o desenvolvimento técnico e gerenciamento dos campos de petróleo em águas profundas e ultraprofunda na costa brasileira.

Capeleiro é especialista na área de engenharia de reservatórios e concepção de planos de desenvolvimento de campos em alto-mar da companhia e, nos últimos nove anos, tem atuado nas áreas do pré-sal da Bacia de Santos.

Ele participou da implantação do projeto Marlim, na Bacia de Campos, nos anos 1980 e desde então se tornou uma referência técnica para novos projetos dentro da petrolífera.

Com o conhecimento da exploração em águas profundas, em 2007 assumiu os projetos para águas ultraprofundas do pré-sal. “Após 33 anos na companhia, tenho que agradecer aos profissionais competentes que trabalharam comigo em cada desafio”, afirmou ele em apresentação na OTC.

Reserva gigante em águas ultraprofundas



Meta para Libra é de 1 milhão de barris

■ O campo de Libra, no pré-sal da Bacia de Santos, é a principal esperança da Petrobras para dar um salto de produção e superar sua crise financeira. A expectativa da estatal é que Libra produza 1 milhão de barris por dia na próxima década, o mesmo volume que é extraído hoje de todo o pré-sal. Já foram perfurados quatro poços – dois na área nordeste e dois na porção central.

Assim como nos demais campos do pré-sal, Libra é um desafio tecnológico para a Petrobras devido às condições difíceis de extração, como a alta

pressão e corrosão dos materiais, cujas soluções tecnológicas têm alto custo.

A vantagem de Libra é que o consórcio que o explora o campo reuniu cinco gigantes do setor – Petrobras, Shell, a francesa Total e as chinesas CNPC e Cnooc.

A gerente-executiva da Petrobras para Libra, Anelise Lara, que participou da Offshore Technology Conference Brasil (OTC), feira de petróleo e gás realizada entre os últimos dias 27 e 29 no Rio de Janeiro, destaca a atuação integrada da equipe multidisciplinar de pro-

jetos do campo, com trabalhadores das cinco empresas do consórcio.

Em apresentação, na OTC, Anelise ressaltou a importância das sociedades de profissionais na disseminação de conhecimento para as novas gerações de técnicos da indústria de óleo e gás.

Segundo ela, a primeira fase do desenvolvimento da produção se concentrará na área nordeste de Libra. O primeiro Teste de Longa Duração (TLD) está previsto para o primeiro trimestre de 2017 e o projeto piloto para 2020.

Produtividade em alto-mar

“A Petrobras atingiu uma combinação única de custos, produtividade e eficiência. Como consequência, um portfólio muito competitivo”



Solange Guedes, diretora de Exploração e Produção da Petrobras

Produção do pós-sal está em queda

■ A cada três barris de petróleo extraídos no Brasil, dois saem do pós-sal, a camada que fica acima do pré-sal e do sal e garante a produção da Bacia de Campos desde os anos 1970. Porém, a participação do pré-sal, com reservas concentradas nas bacias de Santos e Campos, cresce rapidamente.

Segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), em setembro do ano passado o pré-sal produziu 648 mil barris/dia –

28% em relação ao extraído no pós-sal, que registrou 2,27 milhões. Doze meses depois, o pré-sal atingiu 1,029 milhão de barris – o equivalente a 52% do pós-sal, com 1,979 milhão.

O avanço do pré-sal é uma boa notícia para o País, mas seu vigor tira as atenções da queda da produção do pós-sal. Para analistas, a desaceleração de campos antigos é comum, afinal se trata de extração, uma riqueza que não se renova. Mas

especialistas acham que a Petrobras ainda tem espaço para recuperar o pós-sal com investimento em tecnologia. Porém, não é bom para a empresa depender do pré-sal, pois seu custo é maior.

Mesmo que a um ritmo abaixo do esperado, a produção total aumentou desde 2009, quando o Brasil extraiu 2,37 milhões de barris (petróleo mais gás). Em setembro último foram 3,008 milhões.